

RINDO, MAS COM ELEGÂNCIA: O PROGRAMA SATÍRICO DE QUINTO HORÁCIO FLACO¹

Marihá Barbosa e Castro*
(Instituto Federal do Espírito Santo)

Leni Ribeiro Leite**
(University of Kentucky)

RESUMO: Este trabalho discute o estabelecimento do gênero sátira em Roma a partir das contribuições de Quinto Horácio Flaco nos *Sermones*. Ainda que Lucílio tenha sido apontado por Horácio como inventor e modelo da sátira romana, o poeta augustano não encarou o modelo através de limites, resguardando boa quantidade de liberdade e flexibilidade para criar. Horácio promoveu transformações através da redução e do refinamento e, mesmo tendo adotado o estilo e a forma dos poemas de Lucílio, criticou severamente o inventor do gênero. A sátira horaciana é uma invenção consciente e de natureza experimental que se destacou por ter trazido elementos da estética helenística para a sátira luciliana. Horácio constrói em seus *Sermones* um programa satírico ou um pequeno tratado sobre o gênero e demonstra verdadeira preocupação com o engenho e o estilo, criticando vícios de escrita e sugerindo as maneiras moderadas e pertinentes de compor sátira.

PALAVRAS-CHAVE: Horácio. *Sermones*. Lucílio. Diatribe. Sátira romana.

LAUGHING, BUT WITH ELEGANCE: QUINTUS HORATIUS FLACCUS' SATIRICAL PROGRAM

ABSTRACT: This paper discusses the establishment of Roman Satire as a genre, based on Horace's commentary in his *Sermones*. Even though Lucilius is considered by Horace as inventor and model of the genre, the Augustan poet did not take the model as limitation, keeping a healthy amount of freedom and flexibility in his creations. Horace promoted transformations

* E-mail: marihacastro@gmail.com

** E-mail: leni.leite@uky.edu

¹Este artigo é resultado parcial de pesquisa de Mestrado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – Capes.

of the genre through reduction and refinement, and, despite adopting the style and form of Lucilius' poems, he severely criticized his predecessor. Horatian satire is a conscious and experimental invention, in which Hellenistic elements were brought into Lucilian satire. Horace builds, within the *Sermones*, a satiric programme, or a small treatise on the genre, showing true concern over *ingenium* and style, criticizing vices in writing and suggesting moderate and adequate means for composing satire.

KEYWORDS: Horace. *Sermones*. Lucilius. Diatribe. Roman Satire.

A sátira hexamétrica, considerada um gênero poético genuinamente romano², teve como seu primeiro representante o poeta Lucílio, que viveu durante o século II AEC, quando ainda estava em vigor a República romana. Embora haja especulações sobre manifestações anteriores, apenas a partir de Lucílio a sátira ganha contornos mais bem definidos: a escolha pelo hexâmetro, a invectiva misturada ao gracejo e à zombaria, além da variedade de temas foram traços do poeta que acabaram por fundar um novo gênero literário. Devido ao seu protagonismo como precursor do gênero,

aspectos do programa de Lucílio são comentados por seus sucessores, que, embora nunca falhem em reconhecer a sua contribuição e a pretensão de seguirem seu exemplo, na verdade não adotam as práticas de seu predecessor, tanto no que diz respeito ao direcionamento quanto no estilo da sátira (TZOUNAKAS, 2005, p. 559)³.

Neste artigo, comentaremos de que modo Quinto Horácio Flaco – que viveu durante o declínio da República e o início do Império Romano, sob o principado de Augusto – comentou e reformulou o programa satírico de seu predecessor e criador da sátira, inaugurando o seu próprio projeto para o gênero. Horácio foi o primeiro satirista cuja obra chegou completa à posteridade: o primeiro livro dos *Sermones*, publicado pouco depois do ingresso do poeta no círculo de Mecenas, em 34 EC, é a obra de estreia do autor; o segundo livro veio a público apenas alguns anos depois.

²Quintiliano postula que “*Satura quidem tota nostra est*” (QUINT. *Inst.* 10.1.93). **Tradução:** “A sátira, ao menos, é toda nossa”. Sempre que não forem indicados tradutores para os trechos, trata-se de tradução elaborada pelas autoras deste trabalho.

³*Aspects of Lucilius' programme are commented upon by his successors, who, while never failing to recognize his contribution and claim to follow his example, in fact do not adopt their predecessor's practices, both in terms of the satire's direction and its style.*

Na sátira 1.10, Horácio declara não ser sua pretensão agradar a um grande público – contrariando o exemplo da comédia –, mas apenas a poucos amigos doutos e eruditos:

Nem tu, contente com leitores poucos,
Deves querer que a multidão te admire.
Preferirá, demente, que teus versos
Em vis escolas recitados sejam?
Eu não – basta que os nobres me elogiem,
Como audaz, desdenhando os mais, outrora
A pateada de Arbúscula dizia. (Hor. *Serm.* 1.10. 75-78. Trad. A. L. Seabra)⁴.

Ao estabelecer um público ideal de leitores, Horácio aproxima-se, em certa medida, dos fragmentos 632-4 de Lucílio:

Nem pelos ignorantes nem pelos doutos ser lido; não quero Manio
Manílio ou Pérsio para ler isso, mas quero Júnio Congo (Lucil. fr. 632-4 W)⁵.

O modelo de virtude proposto por Horácio não tem como intuito a moralização do mundo inteiro, mas oferecer um caminho para poucos: para ele mesmo e para um seletivo grupo de amigos que se distanciam dos erros de uma sociedade em crise. Dessa forma, as sátiras de Horácio são amplamente conectadas – ainda mais que as próprias *Odes* – ao círculo de Mecenas (CONTE, 1999, p. 300).

Nos passos de Lucílio

A partir de Horácio, é possível observar uma mudança de paradigma para a sátira luciliana. Enquanto criador de um gênero novo e original, Lucílio não encontra rival na literatura romana (RUDD, 1973, p. 7), sendo apontado inclusive por Horácio como inventor e modelo da sátira:

Pois que? – quando Lucílio ousou primeiro
Versejar neste gênero de escrita,
E a pel despir ao nítido na face,
Mas corrupto por dentro, Lélío, e essoutro
Que tirou de Cartago opressa o nome,

⁴*contetus paucis lectoribus. an tua demens/ vilibus in ludis dictari carmina malis?/ non ego; nam satis est equitem mihi plaudere, ut audax,/ contemptis aliis, explosa Arbuscula dixit.*

⁵*<ab indoctissimis> nec doctissimis <legi me>; Man<ium Manil>ium Persiumve haec legere nolo, Iunium Congum volo.*

De seu engenho acaso se ofenderam? (Hor. *Serm.* 2.1. 63-67. Trad. A. L. Seabra)⁶.

Lucílio teria se dedicado exclusivamente à composição de sátiras, o que, certamente, deu notoriedade ao gênero e fez com que o autor se tornasse o modelo para todos os satiristas romanos (WARMINGTON, 1938, p. 18-19). Apesar de sua importância enquanto modelo primordial da sátira, a obra luciliana sobreviveu em estado fragmentário até nossos dias: restam aproximadamente 1.300 versos dos trinta livros de sátira escritos e publicados pelo poeta (WARMINGTON, 1938, p. 20).

Embora seja reconhecido como fundador do gênero, sendo referenciado e emulado pelos satiristas posteriores, Lucílio faz referência ao seu próprio trabalho apenas como “*ludus ac sermones*”⁷, não tendo utilizado o termo “*satura*” com tal finalidade. Para Hendrickson (1911, p. 129), não se sabe ao certo nem mesmo se Lucílio usou “*satura*” para intitular sua obra ou informar o gênero ao qual se filiava⁸. Apenas existem especulações a respeito, assim como são especulativas as suposições de que Ênio intitulara seus poemas caracterizados como miscelâneas de *saturae*⁹. A palavra *satura* é usada pela primeira vez na literatura romana para falar sobre uma forma literária por Horácio (Hor. *Serm.* 2.1; 2.6), e só volta a aparecer no final do primeiro século EC (HENDRICKSON, 1911, p. 130). No primeiro livro de Horácio, o termo não aparece, e é significativo que o poeta tenha dado a sua obra o título de *Sermones*, e não de *Saturae*: aparentemente, não havia naquele momento um nome que designasse coerentemente o estilo singular praticado por Lucílio (HENDRICKSON, 1911, p. 133).

A discussão promovida por Horácio na sátira 1.4¹⁰ aponta para uma situação em que o poeta está lidando com um gênero literário que, para ele, não possui uma designação singular e

⁶*quid? cum est Lucilius ausus/ primus in hunc operis componere carmina morem,/ detrahere et pellem, nitidus qua quisque per ora/ cederet, introrsum turpis, num Laelius et qui/ duxit ab oppressa meritum Karthagine nomen ingenio offensi [...].*

⁷*Cuius vultu ac facie ludo ac sermonibus nostris/ virginis hoc pretium atque hunc reddebamus/ honorem.* (Lucil. 1039-40 W). **Tradução:** Para o [belo] rosto e aparência da virgem este é o preço, esta a honra que oferecemos – através de nossas conversas e de nossa brincadeira.

⁸Cícero, ao falar sobre Lucílio, não menciona o termo *satura*, descrevendo as características individuais do poeta sem nomear o gênero que praticava, como em *De. Or.* 2. 25: “*C. Lucilius homo doctus et perurbanus dicere solebat ea quae scribebat neque se ab indoctissimis neque a doctissimis*” (**Tradução:** C. Lucílio, homem douto e espirituoso, costumava dizer que aquilo que escrevia não era para os ignorantes nem para os muito doutos) e *De. Fin.* 1. 7: “*et sunt illius scripta leviora, ut urbanitas summa adpareat*” (**Tradução:** E seus escritos são mais suaves, pois apresenta a mais elevada urbanidade).

⁹Além disso, entre as formas arcaicas e pré-literárias discutidas por Tito Lívio, Diomedes e possivelmente por Varrão, apenas a expressão “*per saturam*” pode ser de fato verificada (HENDRICKSON, 1911, p. 140).

¹⁰O estilo é sempre caracterizado pela referência a Lucílio, e não por um termo que nomeasse o gênero: “*his, ego quae nunc,/ olim quae scripsit Lucilius*” (Hor. *Serm.* 1.4. 56-57). **Tradução:** “Destas coisas que eu [escrevo], agora, como Lucílio escreveu outrora”.

reconhecível¹¹, o que sugere que a palavra *satura* não estava, até Horácio, em uso para designar o estilo de Lucílio. Embora o termo apareça duas vezes no segundo livro de sátiras de Horácio, Hendrickson (1911, p. 140) acredita que apenas a partir de 40-30 EC ele passou a ser utilizado com frequência satisfatória para nomear o gênero literário inaugurado por Lucílio. Ainda que autores como Coffey (1976, p. 38) sugeriram que provavelmente o próprio satirista tenha dado à sua obra o título *Saturae*, Hendrickson (1911, p. 140) levanta a hipótese de que Lucílio intitulou sua obra, na verdade, como “*Libri per saturam*”¹², tendo em vista que o poeta era notoriamente um improvisador¹³ e se debruçava sobre diversos assuntos, fato que pode ter motivado a escolha de “*satura*” para definir o estilo literário que surgiu a partir de Lucílio.

A existência de um estilo luciliano aponta para uma poesia reconhecida como de um tipo independente, não vinculada a nenhum gênero e permeada de traços individuais: já na época de Horácio havia um *character lucilianus* reconhecido e bem definido, mas a generalização de suas características singulares para um tipo universal não havia sido feita ainda. Hendrickson (1911, p. 143) acredita que Horácio viveu um momento de tensão em que escritores começaram a assimilar a forma e o estilo de Lucílio como de um tipo genérico mais universal: a sátira romana começa com Lucílio, mas a maior parte de um século transcorreu antes que ela encontrasse um lugar reconhecido e independente como forma literária. Depois de Lucílio, o verso invectivo se tornou comum em Roma, e os autores que o praticavam foram rápidos em reivindicar o satirista como seu predecessor (GOLDBERG, 2005, p. 162). Rosen (2012, p. 22) declara que os satiristas romanos continuamente mediram seus trabalhos a partir de Lucílio, que deixou sugestões não só de estilo como de conteúdo que foram amplamente aproveitadas pelos seus sucessores. Para Rosen (2012, p. 23), embora muitas vezes desprovidos de contexto mais consistente, os fragmentos de Lucílio apresentam exemplos suficientes para explicar o porquê da associação entre o poeta e a *ars satirica*, uma vez que neles é possível identificar todas as posturas, tropos e conceitos esperados daquele que deu voz à sátira romana e se tornou o modelo para os satiristas posteriores.

¹¹ Hendrickson (1911, p. 130) nota que não só Horácio omite uma palavra ou qualquer termo técnico para designar a obra de Lucílio. Há outras passagens em que o termo “*satura*” é esperado, mas não aparece, como no seguinte trecho de Varrão: “*L. Abucius homo ut scitis adprime doctus, cuius Luciliano caractere sunt libelli*”. **Tradução:** L. Albúcio, como sabes, homem primordialmente douto, cujos livros são [escritos] ao modo luciliano (Var. *R. R.* 3. 2. 17). A partir daí, o autor desenvolve o conceito de *character lucilianus*, que se refere às produções em que se nota a clara intenção de reproduzir as características de Lucílio.

¹² Hendrickson (1911, p. 139) observa que Ênio utilizou uma forma semelhante para designar sua obra em que a ideia de miscelânea estava presente: “*poemata per saturam*”.

¹³ A respeito de tal característica, há referência em Horácio (Hor. *Serm.* 1.4. 9-11).

Horácio como novo paradigma

Os modelos, entretanto, não ditavam limites rígidos para os autores romanos, que possuíam boa quantidade de liberdade e flexibilidade¹⁴ para criar mesmo seguindo uma forma tradicional, produzindo interessantes inovações. Esse é o caso de Horácio em relação à sátira luciliana: o poeta promoveu transformações através da redução e do refinamento (RUDD, 1973, p. 8), e mesmo tendo adotado o estilo e a forma dos poemas de Lucílio, criticou severamente o inventor do gênero:

Faceto, de sagaz e fino olfacto,
 Duro no versejar (força é dizê-lo)
 Muita vez, como insigne maravilha,
 Duzentos versos sobre um pé ditava.
 Coisas na lutulenta enchente havia
 De se extraírem dignas: mas palreiro
 À lida de escrever tédio tomava,
 Digo de escrever bem, que o muito é nada. (Hor. *Serm.* 1.4. 7-13. Trad. A. L. Seabra)¹⁵.

Há uma polaridade criada por Horácio entre a sua obra e a de Lucílio, apontado como o grande modelo do gênero a ser seguido, mas também criticado por seu estilo rude e grosseiro, desatento aos cuidados com a qualidade da escrita. Apesar de se reportar à tradição, o satirista visivelmente busca redirecioná-la e superá-la, aplicando a ela os preceitos da excelência poética, da justa medida e do engenho burilado pelo labor, tão valorizados em sua obra como um todo¹⁶. Para Horácio, a questão estética era um ponto fundamental e todo aquele que se dispusesse a escrever deveria praticar sempre uma rígida autocrítica¹⁷.

Um dos contrapontos entre a sátira de Lucílio e a de Horácio é a valorização da *brevitas*:

Não basta arreganhar com riso o ouvinte,
 Bem que haja nisto algum merecimento:
 Cumpre ser breve, e que a sentença corra,
 Sem que os termos a lassa orelha onerem: (Hor. *Serm.* 1.10. 7-10. Trad. A. L. Seabra)¹⁸.

¹⁴Sobre essa característica da literatura latina, Vasconcellos (2014, p. 119) esclarece, em relação à imitação de Homero feita por Virgílio, que o poeta romano transformou o modelo e modificou profundamente o gênero épico. Vasconcellos afirma que já a tradução de Andronico da *Odisseia* pode ser considerada não servil, enquanto a épica virgiliana, escrita séculos depois, se configura como uma imitação criativa do modelo homérico.

¹⁵*Facetus, emunctae naris, durus componere versus./ nam fuit hoc vitiosus: in hora saepe ducentos./ ut Magnum, versus dictabat stans pede in uno;/ cum flueret lutulentus, erat quod tolere velles;/ garrulus atque piger scribendi ferre laborem,/ scribendi recte: nam ut multum, nil moror.*

¹⁶A valorização do estilo e do engenho é um tema recorrente na *Arte Poética*, além de surgir nas sátiras 1.4 e 1.10.

¹⁷C.f. Hor. *A. P.* 291-294.

¹⁸*Ergo non satis est risu diducere rictum/ aditoris; et est quaedam tamen hic quoque virtus:/ est brevitate opus, ut currat sententia neu se/ impediatur verbis lassas onerantibus auris.*

A sátira horaciana é compacta e as palavras são escolhidas cuidadosamente: em muitos momentos uma única palavra em Horácio faz a função de um verso inteiro de Lucílio (ANDERSON, 1982, p. 19). Para garantir a brevidade, Horácio evitou os sinônimos e procurou utilizar pronomes somente quando estes eram indispensáveis (ANDERSON, 1982, p. 18).

Horácio defende que a linguagem satírica se distancia da poética, não podendo o gênero ser classificado como poesia, pois não possui a força metafórica de sua dicção, imitando a linguagem ordinária de modo essencialmente diferente do discurso poético (KNIGHT, 2004, p. 36). A sátira, portanto, estaria mais próxima da prosa, distinguindo-se desta apenas pela utilização de um metro:

Se aos versos de Lucílio, e aos que hora escrevo,
Transtornares o número e medida,
Puseres no princípio o último termo,
E o primeiro no cabo, certo o mesmo
Não acharás, que estoutros invertendo:
“Mas que a negra Discórdia, furibunda,
Rompeu de Jano as chapeadas portas.”
Aqui do lacerado vate os membros
Sempre divisarás. (Hor. *Serm.* 1.4. 56-62. Trad. A. L. Seabra)¹⁹.

Mas é prudente que não se interprete demasiado literalmente o que diz Horácio, nem mesmo que se pense que a sátira é resultado de uma fácil improvisação. Horácio propõe uma linguagem elegante e educada para a composição de sátiras e, ao contrário de Lucílio (com sua linguagem exuberante e “lamacenta”²⁰), enxugou o vocabulário de suas sátiras: a linguagem de seus poemas era livre de palavras dialetais, elementos estrangeiros, vulgarismos, arcaísmos, neologismos, termos cômicos e preciosismos (RUDD, 1973, p. 8).

A *latinitas*²¹ permeou as sátiras de Horácio, que valorizavam o bom estilo latino, apropriado para um cidadão romano educado (ANDERSON, 1982, p. 21). O autor evitou ao máximo o uso de palavras tomadas do grego e também de termos híbridos que misturassem latim e grego, além de não ter feito citações neste idioma. Lucílio criticou o filelenismo de seu

¹⁹*his, ego quae nunc, / olim quae scripsit Lucilius, eripias si / tempora certa modosque, et quod prius ordine verbum est / posterius facias, praeponens ultima primis, / non, ut si solvas “postquam Discordia taetra / Belli ferratos postis portasque refregit.” / invenias etiam disiecti membra poetae.*

²⁰“*Lutulentus*” (Hor. *Serm.* 1.4, 11).

²¹*Latinitas*, para os romanos, é a defesa de um latim puro, a rejeição da invasão estrangeira em prol da identidade genuinamente romana. Tal postura não sinaliza uma negação total da cultura helênica, mas uma valorização do nacional.

tempo, como exemplificado pelos fragmentos 87-93, em que zomba de Albúcio, acusando-o de preferir ser chamado de grego a romano ou sabino:

De grego prefere ser chamado, Albúcio, do que romano ou sabino; de conterrâneo dos centuriões Ponto e Tritano; de homem ilustre e de primeiro entre os porta-estandarte. Sendo pretor em Atenas, em grego, se isso te agrada, a ti, quando de mim te aproximares, saúdo: “Hello, Tito”, eu digo. E os oficiais e a tropa repetem: “Hello²², Tito!”. Por isso Albúcio é para mim um estranho, por isso é um inimigo (Lucil. fr. 87-93 W)²³.

Entretanto, Lucílio era conhecido por utilizar livremente palavras gregas, por vezes latinizando-as, empregando-as no caso da precisão técnica, da paródia e da construção da elegância (RUDD, 1973, p. 8). Horácio não incorporou essa característica em sua sátira:

Irás entressachar de alheios termos
Tua língua vernácula, à maneira
Do bilíngue Canúsio, quando um Pédio,
Um Corvino, um Públicola se esforçam
Em razoer latinamente? – Outrora
Eu, que sou daquém mar, uns gregos versos
Tentei fazer. – Quirino eis se me antolha;
(Era depois da meia-noite,
Quando não mente o sonho) e com tal voz me embarga:
“Ao mato leva lenha, é doido aquele,
Que a turba imensa dos poetas gregos
Quer ainda aumentar”. (Hor. *Serm.* 1.10. 28-35. Trad. A. L. Seabra)²⁴.

O poeta toma providências para aproximar suas sátiras da prosa em sua versificação: corta as elisões, principalmente de monossílabos, e dá ao verso mais flexibilidade e movimento através da hábil manipulação da cesura e do *enjambement* (ANDERSON, 1982, p. 27). Horácio valorizava a *elegantia* (elegância) ou *concinnitas* (beleza do estilo) de sua escrita, sempre atento à construção esmerada da frase e dos períodos, ao balanço harmonioso das ideias e à combinação elegante das palavras (ANDERSON, 1989, p. 21). Exercitou a brevidade e a

²²O termo grego “*chaere*” foi aqui traduzido como “*hello*”, em inglês, para indicar a crítica ao estrangeirismo grego na língua latina feita, nesse fragmento, por Lucílio.

²³*Graecum te, Albuci, quam Romanum atque Sabinum/ municipem Ponti, Tritani, centurionum,/ praeclarorum hominum ac primorum signiferumque./ maluisti dici. Graece ergo praetor Athenis,/ id quod maluisti te, cum ad me accedis, saluto:/ “chaere” inquam “Tite.” Lictores, turma omnis chorusque:/ “chaere Tite.” Hinc hostis mi Albucius, hinc inimicus!*

²⁴*scilicet oblitus patriarque patrisque, Latine/ cum Pedius causas exsudet Publicola atque/ Corvinus, patriis intermiscere petita/ verba foris malis, Canusini more bilinguis?/ Atque ego com Graecos facerem, natus mare citra,/ versículos vetuit me tali voce Quirinus,/ post mediam noctem visus, cum somnia vera:/ “In silvam non ligna feras insanius ac si magnas Graecorum malis implere catervas.*

elegância através do hexâmetro – legado de Lucílio –, metro que surpreendentemente se adapta à representação da linguagem clara e cotidiana.

Rindo com Horácio

Para alcançar uma linguagem simples e harmoniosa, o satirista deve também estar atento ao modo como utiliza o riso em seus poemas:

Cumpre de estilo usar, sisudo agora,
Gracioso muita vez, e em que transpirem
Já do orador, já do poeta as galas;
Ou já do cortesão, que acintamente
As próprias forças extenua, e poupa.
Um motejo, um ridículo frisante,
Grandes coisas melhor decide às vezes,
Do que a própria razão austera e forte. (Hor. *Serm.* 1.10. 11-15. Trad. A. L. Seabra)²⁵.

Considerado como matéria dos gêneros baixos, o riso é visto como um recurso útil para o poeta, desde que utilizado conforme os valores urbanos, ou seja, desde que seja um riso anódino:

a inclusão do riso anódino pretende assim vingar no discurso o deleite retórico. Por isso, a irrisão sem dor não só é proposta logo após a prescrição de brevidade como também é o elemento com o qual deve vir alternado o discurso grave (OLIVA NETO, 2007, p. 93).

Para Oliva Neto, é justamente a ausência de dor a diferença marcante entre Horácio, de um lado, e Juvenal e Pérsio, de outro. Tendo em vista as considerações de Hansen (2011) a respeito do riso na sátira, percebemos que Horácio enfatiza nos *Sermones* uma postura urbana e conveniente aos homens livres. Para Hansen (2011, p. 155), a *persona* satírica pode ser urbana ou bufa, de acordo com a finalidade da vituperação e o modo como ela se desenvolve. O crítico propõe a oposição entre *urbanitas* e *maledicentia*, sendo a primeira uma característica da sátira horaciana e a última mais bem representada por Juvenal (HANSEN, 2011, p. 154). A urbanidade se configuraria como uma “ironia sorridente” e é atribuída aos homens livres, enquanto a maledicência, servil e infame, é associada ao bufo e tem como marca a indignação muitas vezes descontrolada contra os vícios.

²⁵*et sermone opus est modo triste, saepe iocoso./ defendente vicem modo rhetoris atque poetae./ interdum urbani, parcentis viribus atque/ extenuantes eas consulto. ridiculum acri/ fortius et melius magnas plerumque secat res.*

Horácio propõe que, antes de tudo, a sátira deva provocar o prazer, assimilando os conceitos de *utilitas* e *delectio*, conforme passagem da *Arte Poética* (Hor. A. P. 333-334): “ou ser úteis ou deleitar querem os poetas, ou, simultaneamente, cantar alegrias e utilidades à vida” (Trad. M. Furlan)²⁶. A sátira horaciana é útil enquanto instrumento didático de moralização, mas ao mesmo tempo urbana e esteticamente apreciável. Trata-se de uma invenção consciente e de natureza experimental que se destacou não por ter arriscado a composição de um grande poema épico romano, como fizera Virgílio, mas por ter trazido elementos da estética helenística para a velha sátira luciliana. Horácio constrói um programa satírico ou um pequeno tratado sobre o gênero, principalmente nas sátiras 1.4 e 1.10, e demonstra verdadeira preocupação com o engenho e o estilo, criticando vícios de escrita e sugerindo as maneiras moderadas e pertinentes de compor neste gênero. As referências a Lucílio, segundo Couto (2002, p. 140), permitem duas conclusões:

1. O reconhecimento expresso da sua [de Lucílio] primazia e do seu valor enquanto modelo, o que significa que Horácio se situa na mesma tradição e, ao mesmo tempo, realça sua importância literária.
2. A convicção de que o modelo não é perfeito e que se pode superar e melhorar a técnica.

Hooley (2007) afirma que Lucílio deve em grande parte sua projeção aos esforços de Horácio, que também decidiu escrever sátira. O poeta augustano desenvolveu a reflexão sobre o gênero através da encenação de rivalidade com o seu criador, Lucílio. Contudo, não se tratava de uma verdadeira luta literária, uma vez que até mesmo os contra-ataques às críticas feitas a Lucílio foram simulados por Horácio, que construiu os interlocutores do satirista de seus poemas.

Um paradigma filosófico

Além da comédia grega, a filosofia também figura como um importante discurso incorporado à sátira romana:

De fato, a sátira está sempre definindo a si mesma em oposição a discursos mais antigos, alternativos (tanto literários como intelectuais), dos quais ela pode se apropriar por canibalização ou rejeitar. Então a filosofia grega, quando não é abertamente o alvo do humor satírico, tem de ser digerida e incorporada dentro do discurso da sátira romana.

²⁶*Aut prodesse volunt aut delectare poetae/ aut simul et iucunda et idonea dicere vitae.*

Genericamente considerada, a filosofia deve ser transformada em sátira (MAYER, 2005, p. 149)²⁷.

A sátira romana se aproximou cautelosamente da filosofia porque esta era (1) de origem grega e (2) em certos momentos fixou-se como rival da moral tradicional nativa. A filosofia, portanto, teve de se adaptar para criar raízes no Lácio (MAYER, 2005, p. 147), e o impacto da recepção romana sobre o discurso filosófico por vezes resultou em dificuldade de distinção entre seitas rivais, como o epicurismo e o estoicismo. O discurso filosófico auxiliou a sátira a encontrar o seu próprio “tom de voz” (MAYER, 2005, p. 149). Os satiristas demonstraram relações diferentes com a filosofia: Horácio foi o único a estudar em Atenas e é possível observar grandes proximidades entre suas sátiras e o discurso filosófico, principalmente a diatribe, o catalisador que forjou a transformação desse discurso na sátira (MAYER, 2005, p. 149). Horácio demonstrava certo entusiasmo para com a filosofia, aproximando-se diversas vezes do epicurismo de Lucrécio, embora em muitos momentos zombe tanto de epicuristas como de estoicos.

Segundo D’Onófrío (1968, p. 14), “muito pouco sabemos acerca das antigas diatribes, pois eram mais faladas do que escritas”. As doutrinas das principais escolas filosóficas eram disseminadas através das estratégias da diatribe, que se tornou uma filosofia popular grega. Tratava-se de uma discussão à guisa de monólogo. O tom, entretanto, era de diálogo:

o pregador cínico desce à praça, chama a atenção de um grupo de populares e começa a expor princípios de filosofia moral numa linguagem familiar e simples. Interrogações, repetições, citações mitológicas, adução de exemplos práticos, referências a fábulas ou à vida dos animais: estes e outros eram os ingredientes de uma diatribe, que variavam segundo o nível cultural do pregador e do público (D’ONÓFRIO, 1968, p. 13).

A diatribe se configurou como o veículo da filosofia contemporânea à sátira que mais influenciou o modo satírico e mais ajudou no desenvolvimento do tom característico do gênero (MAYER, 2005, p. 150). As doutrinas das principais escolas eram menos importantes do que o meio pelo qual seus valores eram propagados (MAYER, 2005, p. 150). Em Roma, é possível identificar traços da diatribe na obra filosófica de Lucrécio, em que também é possível detectar um tom satírico. É clara a aproximação entre Horácio e a diatribe dos filósofos cínicos, tendo o

²⁷*In effect, satire is always defining itself against older, alternative discourses (both literary and intellectual), which it may either reject or appropriate by cannibalization. So Greek philosophy, when not openly the butt of satiric humor, has to be ingested and incorporated into the discourse of Roman satire. Generically considered, philosophy must be transformed into satire.*

poeta romano imitado principalmente Bion de Borístenes²⁸, alcunhando suas sátiras como *Bionei sermones* (Hor. *Ep.* 2.2.60).

As sátiras incorporaram diversos elementos comuns à diatribe, como a construção dos argumentos moralizantes através de analogias e dos *exempla* retirados do dia-a-dia ou da história, o uso de perguntas retóricas, de referências a fábulas e também de interlocutores fictícios. É notório que as três primeiras do livro I dos *Sermones* tenham sido construídas ao modo diatríbico, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo, podendo ser compreendidas como um projeto horaciano de um Bión versificado (HOOLEY, 2007, p. 43). O livro apresenta uma sequência natural de poemas que se correlacionam tematicamente, pois, conforme Hooley (2007, p. 32), “Horácio está sempre escrevendo mais do que sátira; cada poema em seu livro é um elemento de uma totalidade artística e de uma história pessoal conscientemente artificiais. Nenhuma sátira em particular é a sua história completa”²⁹.

Ao analisar a sátira 1.1, Hooley (2007, p. 46) sugere que Horácio constrói um poema permeado de elementos canônicos da diatribe cínica. Observa ainda o modo como Horácio desenha seus leitores, parecendo inicialmente ter outros alvos, quando sutilmente dirige a atenção para os vícios que a maioria das pessoas compartilha (HOOLEY, 2007, p. 26).

A leitura apropriada do gênero sátira deve levar em consideração o modo como romanos e gregos utilizavam e compreendiam convenções e lugares-comuns: eles não concebiam poesia como um simples objeto de apreciação estética ou como expressão dos sentimentos do autor:

Eles pensavam sobre isso antes em termos de “tipos” de modalidades de versos, gêneros, configurações ou grupos de elementos comuns – metros particulares, figuras ou caracteres convencionais, certos entendimentos sobre o que poderia se esperar de tais figuras, suposições comuns sobre o grau de seriedade esperado de poemas de gêneros específicos³⁰ (HOOLEY, 2007, p. 33).

Mas mesmo considerando-se essa gama de expectativas, os autores romanos possuíam enorme liberdade de considerar e expressar ideias através dessas estruturas genéricas. Hooley (2007, p. 33) alerta que “se formos às sátiras de Horácio esperando sermos cativados pela

²⁸Bion de Borístenes (III AEC), figura importante por ter dado uma forma literária às diatribes, pregações populares de filosofia moral (D’ONÓFRIO, 1968, p. 13).

²⁹*Horace is always writing more than satires; each poem in his book is an element of a consciously contrived artistic totality and personal history. Any particular satire is never its entire story.*

³⁰*They thought of it, rather, in terms of “kinds” of verse modalities, genres, configurations or groupings of customary elements – particular meters, conventional characters or figures, certain understandings about what could be expected of such figures, common assumptions about the degree of seriousness expected of poems within given genres.*

emoção narrativa do poema, nós deixaremos o livro rapidamente”³¹. O modelo diatríbico oferecia similaridade suficiente com a poesia de Lucílio (embora não exatamente luciliano) para que continuasse sendo sátira, mas a face bioniana de Horácio marca uma diferença, um tipo de insurreição satírica.

Se em seu sentido primordial a sátira representava um poema ou uma coletânea de poemas sobrecarregada de assuntos, pode-se dizer que Horácio apresenta uma proposta inovadora ao sugerir a ideia de *satis* ligada à satisfação: o autor define limites para a sátira, trabalhando com a noção de “suficiente”, “bastante”³². Desse modo, retoma valores literários repassados dos gregos para os romanos, sobretudo através do poeta Calímaco. É importante ressaltar, ainda, que as sátiras horacianas, assim como as de Lucílio, são direcionadas para um grupo de intelectuais que poderia reconhecer tais valores metapoeticamente trabalhados, ultrapassando o sentido do conjunto disperso de lugares-comuns moralizantes (CONTE, 1999, p. 299).

A partir do jogo que o satirista promove com o leitor, que se vê de repente incluído na branda invectiva da sátira horaciana, pode-se dizer que Horácio sugere sutilmente que também ele pode ser um pouco sério, que os vícios são realmente um problema. Sobre tal aspecto, Pérsio, seu sucessor na sátira, afirma que “O astuto Flaco toca todo vício do amigo enquanto ele ri e, tendo a permissão, em volta dos corações brinca, habilidoso em suspender o povo no nariz assoado” (Pers.1.116-117)³³. Horácio assume um papel de professor – que quer ser bem quisto por seus alunos – e adota uma postura condescendente, respeitando os limites socialmente aceitos, prescritos pela piada. Falar com gracejo sobre “a verdade” (se levarmos o conteúdo moral a sério) é quase um projeto paradoxal.

A sátira 1.2 também se inicia ao modo diatríbico, mas baseada em um modelo romano: Lucrécio (Lucr. 4.1058-1287), a diatriba sobre o amor, uma das poucas amostras satíricas do longo poema didático epicurista. Horácio continua, tal como na sátira 1.1, a trabalhar o tema da média entre os extremos, da moderação. O poema é uma meditação sobre os arranjos e escolhas sexuais mais satisfatórios: sobre as vantagens de se cometer o adultério com prostitutas, desencorajando a perseguição das matronas. Entre os benefícios oferecidos pelas rameiras, o satirista destaca o fato do corpo dessas mulheres estar mais exposto, o que evitaria o risco de frustração gerada por uma expectativa não correspondida. Além disso, as matronas oferecem

³¹*If we come to Horace's satires expecting to be captivated by the narrative thrill of the poem, we'll soon put down the book.*

³²Como na sátira 1.1, em que critica a ganância e o acúmulo desnecessário de bens, recomendando moderação na quantidade de posses.

³³*omne uafēr uitium ridenti Flaccus amico/ tangit et admissus circum praecordia ludit.*

perigos desnecessários, como um flagrante do marido. Também se pode identificar nesse poema a influência luciliana:

A conversa suja de Horácio sobre o sexo neste poema designa a *libertas* luciliana, “liberdade” de expressão, a impunidade do satirista ao dizer o que quer. Há também uma dimensão política mal disfarçada: *libertas* não é “liberdade” no senso idealizado moderno – embora ainda hoje a palavra seja quase sempre investida de interesses políticos e parcialidade (HOOLEY, 2007, p. 38)³⁴.

A *libertas* romana era um privilégio e também a expressão das desigualdades existentes em Roma nos planos político e social. O modo como Lucílio atacava cidadãos notáveis, seus adversários, com os quais compartilhava o mesmo *status*, não teria sido possível para o filho de um liberto. Horácio, porém, não precisou direcionar seus ataques a alvos de alto nível social: ele considerou um pequeno mundo de tipos irregulares, como cortesãs, parasitas, artistas, vigaristas, filósofos picaretas e aproveitadores. A análise dos nomes que aparecem nas sátiras horacianas indica que o poeta não atacou seus contemporâneos (RUDD, 1973, p. 9). Os alvos do satirista não possuíam importância na sociedade: essa característica marca um ponto significativo de afastamento entre Horácio e Lucílio.

Conclusão

Para Goldberg (2005, p. 176), ao reinterpretar a obra de Lucílio, o desafio de Horácio é compreender o papel do passado na criação da poesia do futuro: o fim da República romana gerou uma transformação da poesia, e por isso Horácio promove uma revisão do estilo luciliano, uma vez que a sátira do século anterior não tem mais força no período que lhe era contemporâneo. Para efetuar seu ajuste, Horácio conta com as primeiras características do gênero, a flexibilidade e a variedade, que permitem que de tempos em tempos ele se transforme para se adequar aos diferentes assuntos que abordará. Rudd (1973, p. 10) observa que apesar das poucas vantagens de nascimento que possuía, Horácio poderia ter atacado inimigos de Augusto, como Marco Antônio, mas mesmo assim não o fez. Quanto mais segurança e estabilidade social o poeta adquiria, mais branda se tornava a sua obra, até o ponto em que abandonou completamente as sátiras.

³⁴*Horace's dirty talk about sex in this poem designates Lucilian libertas, "freedom" of speech, the satirist's impunity to say what he wants. There is a scarcely disguised political dimension as well: libertas is not "freedom" in the idealized modern sense – though even now the word is nearly always vested in political interest and partiality.*

Anderson (1982, p. 16) defende que o uso de *libertas* é pejorativo em Horácio, que associou o termo ao discurso indisciplinado e beligerante de Lucílio. A liberdade de que gozava o inventor do gênero seria, para Horácio, inadequada e incoerente, contrária às regras das boas maneiras. A *libertas* luciliana teria sido, portanto, substituída pela *sapientia* (ANDERSON, 1982, p. 23): racionalização diante do vício e do ataque satírico, conduzido em forma de argumento, com estrutura dialética, mas com aparência de improvisado. O satirista horaciano, raramente truculento, transmite seu ensinamento moral angariando a simpatia dos ouvintes. Há trechos, inclusive, em que os interlocutores têm mais espaço de fala do que o próprio satirista, que faz poucas interferências durante o diálogo com Damasipo, aprendiz de estoicismo que o chama de louco, pois só o sábio estoico seria verdadeiramente sábio (*Serm.* 2.3), e com Davo, o escravo que o acusa de cometer os erros que ele mesmo condena em seus versos (*Serm.* 2.7).

Horácio inaugura, portanto, uma característica fundamental entre os satiristas romanos: a construção de um olhar crítico sobre os antecessores do gênero. Satiristas aludem aos nomes de seus predecessores, sobretudo ao de Lucílio, como um modo de pagar tributo ao criador deste gênero literário e também como um pretexto para o diálogo com a tradição anterior ao poeta, que promove a sua própria contribuição para a sátira.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, W. **Essays on Roman satire**. Princeton: Princeton University, 1982.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2015.
- COFFEY, M. **Roman satire**. London: Methuen And Co, 1976.
- CONTE, G. B. **Latin literature: a history**. Malden, USA: Johns Hopkins University, 1999.
- COUTO, A. Horácio crítico literário. **Máthesis**, Viseu, v. 11, p.125-163, 2002.
- D'ONOFRIO, S. **Os motivos da sátira romana**. 1968. 151 f. Tese (Doutorado em Letras) – Cadeira de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de São Paulo. Marília, 1968.
- FISKE, G. Lucilius and Persius. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, v.40, p. 121-150, 1909.

- GOLDBERG, S. M. **Constructing literature in the Roman Republic: poetry and its reception.** Cambridge: Cambridge University, 2005.
- HANSEN, J. A. Anatomia da Sátira. In: VIEIRA, B. V. G. THAMOS, M. (org.). **Permanência clássica: visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana.** São Paulo: Escrituras, 2011. p. 145-170.
- HENDRICKSON, G. L. *Satura: The Genesis of a Literary Form.* **Classical Philology**, The University of Chicago, v. 6, n. 2, p. 129-143, 1911.
- HOOLEY, D. M. **Roman satire.** Oxford: Blackwell, 2007.
- HORACE. **Satires, Epistles and Ars Poetica.** Edited by Jeffrey Henderson and translated by H. Rushton Fairclough. Londres: Harvard University, 1929.
- HORÁCIO. **Arte Poética.** Tradução de Mauri Furlan. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. Disponível em: <<http://www.nucleodelatim.ufsc.br/wp-content/uploads/2012/05/5.b.-Ars-Poetica.pdf>>. Acesso em 20 de junho de 2014.
- HORÁCIO; OVÍDIO. **Sátiras. Os fastos.** Traduções de António Luís Seabra e António Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1970.
- KNIGHT, C. **The literature of satire.** New York: Cambridge University, 2004.
- LUCRÉCIO. **Da natureza das coisas.** Tradução, introdução e notas de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Relógio D'Água: Lisboa, 2015.
- MAYER, R. Sleeping with the enemy: satire and philosophy. In: FREUDENBURG, K. (ed.). **The Cambridge companion to Roman satire.** Cambridge: Cambridge University, 2005. p. 146-159.
- OLIVA NETO, J. A. “Riso invectivo vs. Riso anódino e as espécies de iambo, comédia e sátira”. **Letras clássicas**, n. 7. São Paulo: 2003, p. 77-98.
- VASCONCELLOS, P. S. de. **Épica I: Ênio e Virgílio.** Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- PERSIO. **Sátiras.** Introducciones generales de Manuel Balasch y Miguel Dolç introducciones particulares, traducción y notas de Manuel Balasch. Madrid: Gredos, 1991.
- ROSEN, R. “Satire in the Republic: from Lucilius to Horace”. In: PLAZA, M. (ed.). **Oxford readings in classical studies: Persius and Juvenal.** New York: Oxford University, 2012. p. 19-40.
- RUDD, N. **The satires of Horace and Persius.** New York: The Penguin Books, 1973.
- RUDD, N. **Themes in Roman satire.** London: Duckworth, 1986.

TZOUNAKAS, S. Persius on his predecessors: a re-examination. **The Classical Quarterly**, v. 55, n. 2. Cambridge University, p. 559-571, 2005.

WARMINGTON, E. H. **Remains of old Latin: Lucilius. The Twelve Tables.** Londres: Harvard University, 1938.